

## O ENTRELAÇAR DO POPULAR E DO ERUDITO NAS CANÇÕES DE LUIZ ASSUNÇÃO

Vanessa Nascimento de Souza\*

### RESUMO:

Luiz Gonzaga Assunção teve na música erudita sua iniciação no mundo das artes, ainda criança aprendera ao piano tocar suas primeiras notas clássicas. Com o passar do tempo desenvolveu seu conhecimento artístico, consagrando-se como um pianista extraordinário. Todavia, a erudição em sua vida só se manteve no seu saber fazer música. Visto que, através de seu piano, colocava-se a criar suas composições. Erudito significa aquele que sabe, e que possui cultura ampla e conhecimento vasto em determinada área. A erudição está relacionada intrinsecamente à música, à literatura e à cultura. O indicador fundamental que imprime à obra seu caráter erudito refere-se à “formação teórico-científica” dos seus criadores. Ou seja, o músico erudito o é porque cria peças musicais que são frutos de sua sensibilidade artística aliada a uma teoria e técnica adquiridas através do estudo formal da música. (PIMENTEL, 1994, p. 30). Em contrapartida, surge o popular, que em sua explicação mais simples é compreendido enquanto manifestação espontânea, transmitida através das gerações. Música popular seria, por assim dizer, a representação das manifestações urbanas, que segue o desenvolvimento das urbes.

Palavras-chave: Luiz Assunção. Música Popular. Sensibilidades. Músico Erudito. Imaginário.

Ao estabelecermos um entrecruzamento do popular com o erudito na vida de Luiz Assunção, buscamos compreender a relação que o mesmo tinha com ambas as culturas. Ora, se em formação artística o compositor fazia parte de uma erudição musical, entendemos que a cultura popular em sua vida era o que mais lhe aprazia, não colocando o erudito em segundo plano, mas sim, criando um paralelo entre elas, tecendo elos através de suas canções. Logo, estas iam surgindo das múltiplas facetas do fazer musical do pianista.

Até o final do primeiro quarto do século XX, a música erudita era a preferência das elites burguesas. Luiz Assunção surge nessa época como um poeta da música popular, um exímio artista que mais tarde seria considerado um importante colaborador da cultura popular cearense. Inserido nos espaços sociais, o compositor ia desde as valsas mais eruditas, aos sambas-canção que bailavam as noites boêmias da cidade de Fortaleza.

A escolha da música popular deu-se exatamente por sua relação íntima com os circuitos boêmios da cidade. Não podemos deixar de chamar atenção também para o fato de

\*Vanessa Nascimento de Souza – Mestre em História e Cultura pela Universidade Estadual do Ceará.

que sua posição social foi impulsionadora na sua predileção musical. É sabido que, enquanto músico, Luiz Assunção perpassou pelas camadas sociais, porém, não fazia parte da elite burguesa, estando nela apenas de passagem entre trabalho e divertimentos.

Outro fato importante, que também não podemos deixar passar despercebido, é que seus espaços de sociabilidades criados, assim como a sua trajetória musical, caminharam para a cultura popular que estava, de maneira sutil, inserindo-se dentro da sociedade.

Nesse sentido, buscamos aqui, através de suas composições, apresentar essas duas categorias musicais apropriadas por ele, que como um balé de ritmos e harmonias, conseguia uni-las a tal ponto de não conseguirmos imaginar uma sem a outra. Para isso, dividimos nosso trabalho entre suas narrativas de sentimentos em que apresentamos algumas de suas composições, e por fim, a sua relação intrínseca com sua obra de arte.

### **SOMBRAS DO PASSADO: SAUDADE, A PRESENÇA DE UMA AUSÊNCIA**

Quando eu seguir, como seguem os outros para o além, irei bem disposto a tocar em qualquer piano, contanto que as minhas músicas sejam sempre em tons tristes de saudade!...<sup>1</sup>

Ao analisarmos os escritos e composições de Luiz Assunção, identificamos entre suas temáticas variadas uma preferência por narrar amor e saudade de forma muito melancólica, mostrando sempre uma inquietação a respeito da saudade do ontem, do que passou. Como categoria sociológica, a saudade, como nos coloca Da Matta (1993), é uma construção cultural, ideológica, que deixa de existir no plano abstrato e passa a existir como algo concreto, transformando-se em emoções, em sensações repletas de sentidos, sendo estes possuidores de espaços invisíveis dentro de uma existência coletiva.

Nesse contexto, entendemos que a saudade é resultante das experiências vividas e vivenciadas pelos sujeitos, experiências essas que são acompanhadas de dor, nostalgia e uma presença constante de uma ausência. Assim, a saudade enquanto uma categoria de análise, representa uma categoria que – tal como ocorre com as palavras de ordem, senhas, juramentos, pragas, obscenidades, xingamentos e promessas –, ao ser dita ou invocada, promove e implica um fazer, um empenho, uma perspectiva ou um compromisso, definindo um estado interno e permitindo ou desculpando uma ação externa. (DA MATTA, 1993, p.19).

---

<sup>1</sup> Verso. Luiz Assunção, Fortaleza, 1979.

Os discursos em torno da saudade caracterizam-na como um sentimento particular do português, isso porque a partir do século XV, com as grandes transformações históricas, a busca por novos territórios, assim como a construção cultural portuguesa, alguns autores – Feldman-Bianco (1992), Da Matta (1993), Albuquerque Jr. (2006) – definiram a saudade como um sentimento determinante “do modo de ser da alma portuguesa”, símbolo constitutivo de uma memória coletiva.<sup>2</sup>

Ao falarmos ou ouvirmos sobre a saudade, logo nos remetemos à descrição dos dicionários que dizem que ela é: palavra que se define como lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las.<sup>3</sup>

A saudade coloca-nos diante do vazio da própria temporalidade da necessidade urgente de preenchimento deste vazio com nossas vivências, com nossas experiências, nossos sentimentos e sentidos em relação às coisas e às pessoas. Por isso a saudade, que parece ser um sentimento universal e inerente a todos os humanos, na verdade define-se histórica e culturalmente, à medida que nós, humanos, não sentimos saudade das mesmas coisas: cada tempo tem suas saudades, e nem todos os povos valorizam este sentimento e dão a ele o mesmo conteúdo e sentido. (ALBUQUERQUE JR. 2006, p.118).

Logo, ao pensarmos a saudade e sua multiplicidade, quaisquer que sejam suas sensações e seus sentidos, estão estes intrinsecamente embutidos na diferenciação da época e das formas que essa saudade é construída. Sendo definida enquanto nostalgia, a saudade é particular de quem a sente, independentemente do motor causador desse sentimento, ou sensação. O que a época recordada revela na vida do indivíduo pode também ser sentida no coletivo, porém de formas diferentes.

Seja como for, culturalmente a saudade faz parte do individual e do coletivo e tem sentido ambíguo, podendo ao mesmo tempo revelar tristeza e alegria, assim como a música é capaz de ganhar vida e exprimir sensibilidades. “A trama dos sentimentos tem múltiplos aspectos, concretizada melodicamente no “estar só”, “sentir-se só”, situação e sentimento constantemente referenciados pela nostalgia de um tempo passado e pela experiência da saudade” (MATOS, 2006, p. 424). Como narrou Luiz Assunção em suas canções e poesias a

---

<sup>2</sup> Sobre memória coletiva ver: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo. Centauro, 2006.

<sup>3</sup> Aurélio apud Albuquerque (2006).

saudade é um querer lembrar, é um querer retornar no tempo, vejamos a valsa Quando as estrelas se somem:

Quando as estrelas vão no firmamento  
se sumindo,  
Eu, por sobre as águas, solitário vou,  
Ainda dormindo.  
Meu amor tristonho, vive a me esperar  
Sonhando com a imensidão  
Do grande mar.  
A vida da gente é cheia de torturas  
E de pranto,  
Todos nós devemos conhecer a dor  
Que o peito sente  
Pois a ausência aumenta  
A sombra saudosa  
Da alma da gente.  
Luz que brilha sobre as águas  
São estrelas que vigiam à alta da noite  
Em defesa de um coração  
Que perdido na saudade  
Perambula entre mágoas  
no meio do mar da ilusão.<sup>4</sup>

Sem dúvida alguma, vemos que com maestria o compositor ia tecendo suas canções, criando um paralelo entre dois mundos, o real e o imaginário. Nessa valsa lenta, Luiz Assunção, se observarmos atentamente, abordou a vida de um homem do mar – jangadeiro, pescador – que no alvorecer do dia, “caminha” pelas águas, ao sair deixa um amor saudoso a lhe esperar. Continuando, as estrelas estão a iluminar a noite, em busca de proteger quem em terra ficou. Essa saudade apresenta-se enquanto mágoa, dor e dissabor. Nesse mesmo sentido, podemos observar a canção a seguir, em que a saudade se apresenta enquanto marca de um passado bom, que ainda deveria ser vivenciado.

A sodade que se guarda  
Das coisa da vida que a gente gozô  
Pode inté arrelembrá  
Tanta coisa véia que já se passô...  
Quanto mais passado o tempo,  
Mais o amô alembro, mais sodade vem,  
Mode a gente arrecordá  
Dos amô querido que a gente quis bem  
Siá Maroquinha  
Mariquinha tinha  
Sua véia casinha dos tempos de amô,  
E a ventania de riba da serra  
Pegou com a casinha e escangaiou...  
Ái, ái, Siá Mariquinha  
Isto não é brinquedo,  
Me diga se sodade mata,  
Se sodade mata

---

<sup>4</sup> Luiz Assunção, Quando as estrelas se somem. Fortaleza, 1933. Partitura. Valsa lenta.

Eu já tou com medo...<sup>5</sup>

Da mesma maneira, em outros versos o compositor criou um paralelo entre a morte e a saudade, mostrando a dor e a melancolia que elas deixam. Como notamos em seus versos intitulados A morte e Para outras regiões, ambos trazem à tona o sentimento de perda que a morte revela: “A morte é sublime/e é tudo na vida!/a sua trágica missão/quase sempre/é surpreendente./É forte, poderosa e decisiva/e só cumpre o seu dever/por tragédia/ou por enfermidade.”<sup>6</sup> Em Para outras regiões, o compositor narrou a partida de um jovem que deixou para seus pais a dor de sua partida e a saudade eterna:

Soluça a lira  
do coração oprimido,  
que o íntimo de mãe,  
o conserva jazida.  
Enquanto à estrada de cipreste, frondosa,  
viaje sob a voz harmoniosa,  
para regiões idealizadas.  
O inocente Neinha, tristonho e quedo  
como se lhe falta o alguém  
que ele nunca tem medo.  
Vai e talvez com desdém  
do mundo que não lhe quis.  
E se ficam saudosos seus pais,  
tenham em memória que foi!...  
mas foi para ser feliz.<sup>7</sup>

Eis que a morte surge como poesia, horas criando medo, horas representando uma viagem repleta de cor e harmonia. Para quem partiu ela se coloca como uma cura, para os que ficaram ela cria uma ferida de saudade e ausência. As composições e versos do Luiz Assunção revelam-nos como era forte a questão do saudosismo na vida dele, sempre narrando uma saudade doída, as sombras de seu passado que a memória fazia questão de manter, a não aceitação pelo passar do tempo, pela chegada triste da velhice. Dessa forma, ele buscava trazer em tons tristes toda sua nostalgia.

Mais adiante  
Quando eu for envelhecendo  
E a esperança for morrendo  
Peço a Deus pra me levar;  
Sozinha vou morar  
No fim do mundo  
Onde o silêncio é profundo  
Não vem me incomodar.  
A mocidade é a vantagem do viver,  
É o sol que ilumina  
A estrada do prazer,

<sup>5</sup> Luiz Assunção. Síá Mariquinha. Fortaleza, 1946. Partitura. Rancheira.

<sup>6</sup> A morte. Verso. Luiz Assunção, Fortaleza, 1943.

<sup>7</sup> Para outras regiões. Verso. Luiz Assunção, Fortaleza, 1931.

Mas a velhice  
É o sol triste no poente,  
Que mata a alma da gente  
De saudade a sofrer.<sup>8</sup>

Além de ser marcado pela saudade dos amores, a tristeza das partidas, o compositor preservava-se a evidenciar os prazeres da mocidade, a negar e até mesmo rejeitar a velhice que, apesar de ter lhe proporcionando uma gama de experiências em sua trajetória, era constituída em algo doloroso para ele. Ao mesmo tempo em que a saudade expressava nostalgia, lembrança, ela revelava remorso, culpa e dor, sentimentos que vivem arraigados na memória do indivíduo e que em momentos se escondem e em outros se manifestam, como podemos observar em Num boteco, 1966:

O que é a vida  
comparada com o amor e a cachaça,  
é jogar com cartas diferentes,  
é viver de ilusões fatais,  
enquanto ao longe,  
bem longe dos meus olhos vivem dois inocentes!  
Luiz Assunção contou triste e chorando  
que a febre cruciante  
do seu passado feliz  
vivia a sofrer agora  
numa solidão à esmo  
só a pensar com saudade sem fim  
nos dois pedaços de si mesmo  
que se foram enfim  
de sertão afora  
Ó Deus onde eles estarão, agora?<sup>9</sup>

Ao comparar a vida ao amor e à cachaça, o compositor exprime uma sensação de perda, um saudosismo deixado por uma separação. Fazendo uma conotação com a felicidade do que passou, Luiz Assunção apresenta a dor do agora. Sabemos que a saudade nos deixa a recordação, que enquanto companhia vai se constituindo imagética<sup>10</sup>, entrecruzando o tempo e o espaço com o vivido e vivenciado. Logo, a saudade sobrepõe-se ao tempo e ao espaço estruturados e passa a incorporar e ritualizar as memórias existentes de uma época ou de uma situação.

---

<sup>8</sup> Luiz Assunção, Mocidade e velhice. Fortaleza, 1943. Partitura. Samba-canção.

<sup>9</sup> Num boteco. Verso. Luiz Assunção. Fortaleza. 1966.

<sup>10</sup> Imagética no sentido de que a saudade é capaz de preservar, construir e exprimir imagens do cotidiano que a revela. Ver: BIANCO, Bela F. Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 73-86, jul./set. 1995. 101 Júlia Geracina. Verso. Luiz Assunção. Fortaleza, 1968. 102 Socorro. Verso. Luiz Assunção. Fortaleza, 1975.

Nesse mesmo contexto, é interessante observarmos que tanto em Para outras regiões – ver referência de rodapé 7 – assim como em Júlia Geracina, Luiz Assunção coloca a morte numa dicotomia entre a felicidade e a tristeza, a perda é sentida, porém a partida fez-se necessária.

Júlia Geracina, em plena juventude  
vestida de lindo véu e de grinalda,  
deixou o mundo em letárgico sono  
e a própria família já conformada.  
No seu ataúde ornado de flores,  
cabelos doirados da cor da estrela,  
partiu. Foi iluminar outros mundos!...  
Sem deixar-nos a certeza de ainda vê-la.  
Em vida destacou-se entre os irmãos  
pelo sublime espírito religioso.  
Muitas lágrimas na sua triste solenidade...  
Geracina deixou para os seus pais  
a lembrança de seu sorriso tão meigo  
eternamente, na palavra SAUDADE!<sup>11</sup>

Já em Socorro vemos Luiz Assunção exaltando a mocidade e reclamando da velhice. Nesse contexto, identificamos a existência de uma recusa que o compositor tinha com o presente, – que por muitas vezes foi citada pelos depoentes – buscando viver sempre das lembranças de seu passado.

Socorro, a mocidade é a vida  
linda, bela e sublime  
quando a gente sente a dor  
é porque está sentindo amor.  
A velhice é o resto da vida,  
é um necrotério de desenganos  
sem prazer e sem amor.<sup>12</sup>

Fica claro na letra que a mocidade representava-lhe tudo de bom que a vida possuía, as únicas dores que o homem poderia sentir na juventude eram aquelas causadas pelos amores, logo, a mocidade colocava-se esplêndida, bela e desejada. Já a velhice, comparava-se à frieza do necrotério, onde os corpos permanecem expostos à espera do reconhecimento de seu dono, ou seja, a velhice só poderia trazer dissabores, tristezas e melancolia.

Luiz Assunção vivia na e da boemia, na noite ele tocava, bebia e compunha suas canções; no final da noite, ao chegar à sua casa, sentava em seu piano localizado embaixo de uma goiabeira e ali passava o resto da noite a dedilhar o piano e compor melodias, narrar amores, ilusões, saudade e adeus. A vivência na boemia tinha uma importância muito grande em sua vida, visto que naqueles espaços ele criava suas sociabilidades, compartilhava sensibilidades e construía histórias. Seus escritos estão impregnados desses sentimentos,

---

<sup>11</sup> Júlia Geracina. Verso. Luiz Assunção. Fortaleza, 1968.

<sup>12</sup> Socorro. Verso. Luiz Assunção. Fortaleza, 1975.

sensações e emoções. Nesse mesmo contexto, Luiz Assunção falou da partida de Aldaci<sup>13</sup> em Casa Vasia e em Verso póstumo.

Minha casa está vasia  
Falta nela o bem que tive,  
Está cheia de saudade,  
De saudade que me mata  
De ALDACI, meu grande amor.  
– ALDACI, meu grande amor! –  
Não entendo meu bom DEUS,  
Pois levou minha bela lira  
E os meus versinhos de alegria,  
Minha musa foi-se embora  
Foi sem poder dizer adeus  
– ALDACI, meu grande amor! –  
No jardim murcharam as flores  
E o perfume exala dor;  
Ficou somente a sua falta  
Que saudade e que lembrança  
Dessa mulher que foi amor!  
– ALDACI, meu grande amor! –<sup>14</sup>

É a saudade que deixa marcas de dor e solidão, assim é a morte, que chega feito um ladrão, não pede licença nem permissão, roubando o último sopro de vida, tirando a alegria dos que ficam, resta apenas a rejeição causada pela mesma. Logo, não sabemos responder o sentido de uma partida, aliás, por ela não fazer sentido algum, enveredamo-nos pelos caminhos da tristeza e da saudade. Assim foi com Luiz Assunção, que por não querer aceitar a partida, poetizou a falta do ser amado.

Com a morte que cruel partida!  
Viagem mísera,  
covarde e indefinida...  
Dizem, vis desnaturados:  
é isso aí...  
Não adianta chorar.  
– Como pode amigos?  
Se as lágrimas conformam,  
embriagam também,  
enganando a eterna saudade  
que se guarda de alguém!<sup>15</sup>

Nesse contexto, o compositor abordou as múltiplas saudades existentes, desde a saudade pela partida de um amor, saudade de uma terra, a saudade deixada pelo adeus de alguém, dentre outras. Logo, a saudade funciona como um baú de recordações, mostrando que

---

<sup>13</sup> Canção composta em memória de Aldaci Nogueira Barbosa Mota – (Aldaci Barbosa), Educadora autora do plano de desfavelamento de Fortaleza, esteve à frente da Superintendência do Serviço Social de Fortaleza.

<sup>14</sup> Casa Vasia. Canção Astral. Luiz Assunção. Fortaleza, 1976. Foi mantida a grafia original da letra, não sendo feita nenhuma correção ortográfica nela.

<sup>15</sup> Para Aldaci Barbosa Mota. Verso póstumo. Luiz Assunção, Fortaleza, 1976. 106 Teste de saudade. Poema Luiz Assunção, Fortaleza, 1977.

quem a sente não está necessariamente solitário, pois guarda consigo a lembrança, seja ela de alguém ou de algum lugar. Vejamos em Teste de Saudade a forma como o compositor retratou a dor de uma perda.

Alguma vez  
em meditação talvez  
Morais sozinho a pensar  
em seu quarto vazio,  
nada vê e nada ouve  
apenas em longe  
a voz do vento lhe falar  
um perfume antigo  
dos perfumes de Aldaci  
trás recordações ali...  
Mas esse perfume  
é a saudade apenas  
do tempo que se foi  
fugindo impiedoso  
para a eternidade  
a maior verdade.  
Continua o império do silêncio  
na sua bela e santa sonolência  
porém o sono não vem  
e na vitrine da janela  
também solitária e triste  
o vento em forte açoite  
desperta o Moraes tão feliz...  
Com o relógio mal-educado  
a bater meia-noite!<sup>16</sup>

Percebemos em sua escrita a melancolia de uma despedida, assim como os elementos que tornam essa ausência presente nas lembranças, o quarto vazio e o perfume antigo transformam-se na afirmação dessa saudade, o silêncio do ambiente e, por fim, o vento chega para trazer o indivíduo de volta para o presente solitário.

Nessas construções de lembrança, saudade e ausência, o compositor criava um elo entre canção, saudade e história, em que tanto a saudade quanto a música provocam nostalgia, dor, ânsia de retornar ao passado e permanecer nele. Vale salientar que, nesse misto de sensações e emoções, tanto o compositor quanto o ouvinte estão inseridos nas lembranças vividas, vivenciadas e até mesmo inventadas.

É a noção de saudade que nos faz refletir e, sobretudo, sentir com mais vigor, presença e intensidade o nosso amor e a ausência dos entes e das coisas que queremos bem. Ou seja: sei que amo porque tenho saudade. Sei que sinto falta de um lugar porque dele sinto saudade. (Da MATTA, 1993, p.21).

A saudade na vida do compositor foi expressa em diversos momentos em sua escrita, desde a sensação nostálgica a não aceitação de uma perda. Sempre que questionado sobre sua terra natal, o Maranhão, o compositor fazia questão de afirmar que apenas havia nascido lá,

---

<sup>16</sup> Teste de saudade. Poema Luiz Assunção, Fortaleza, 1977.

mas que se considerava cearense de coração e negava se assumir enquanto maranhense. Relacionamos essa negativa ao fato de ser a memória seletiva, apropriando-se de fatos, acontecimentos que se deseja e rejeitando fatores que possam lhe trazer dores, sofrimentos. Assim, seria a lembrança do Maranhão na vida de Luiz Assunção, um lugar que rememorava a perda de seus pais em sua infância. A partir dessa leitura, destacamos outra composição que foi dedicada ao seu pai, que ressaltou a decepção com a terra, que o compositor apresentou como querida, porém ingrata, falando mais uma vez de uma partida, de uma tristeza presente:

Adeus, terra querida  
Prenda do meu coração;  
Embora sejas  
Tão ingrata,  
Mas, dos teus filhos  
Não terás ingratidão.  
Hei de sonhar sempre  
Com as praias,  
Douradas pelo arrebol;  
E os coqueirais,  
E as jangadas  
E a juriti  
Triste e queixosa  
Que soluça  
Ao pôr do sol  
E a palhoça  
E alguém  
Que a chorar  
Ficou resando  
Até quando eu voltar. <sup>17</sup>

O sentimento de perda dos pais ficou tão marcante na vida de Luiz Assunção que isso passou a refletir em suas canções e suas poesias, expressando saudade, tristeza, melancolia, uma saudade presente pela ausência de sua mãe, como veremos a seguir, na canção Adeus, oh mãe querida:

Amor! Pra mim foi tudo um sonho...  
Adeus, pra nunca mais.  
Amar-te, foi tudo em minha vida,  
não te esquecerei jamais.  
Saudade eu sinto de ti.  
Vivo pensando na felicidade,  
Que eu perdi.  
Meus olhos, também,  
já cansaram de tanto chorar...  
Adeus, amor de minha vida;  
Adeus, oh! mãe querida. <sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Luiz Assunção, O adeus do Emigrante. Fortaleza, 1948. Partitura. Canção cearense.

Consideramos que essa ausência materna e paterna foi um referencial na construção no compositor, visto que é notável que sua escrita sempre esteve voltada para uma abordagem triste e melancólica de sua vida, mostrando assim uma predileção em compor e tocar em “tons tristes de saudade”.

Nessa atmosfera de saudade e tristeza, Luiz Assunção dedicou um poema a sua irmã no ano de 1978, intitulado Uma cruz e uma saudade. Como se pode observar, a presença da ausência dos pais continuava constante em sua vida, mesmo tendo ele sido feliz na infância, a saudade nunca deixou de existir.

Ficamos órfãos dois irmãos,  
foi assim a nossa infância!  
De nossos pais as flores raras que o vento forte levou!  
Fomos felizes mesmo assim de jamais ficarmos sós,  
fomos criados por lindos tios beijados por belas avós.  
Hoje vemos nossos descendentes,  
filhos, netos, todos criados maiores já de idade.  
E nós quase a partir a pensar tristemente e a chorar de saudade!<sup>19</sup>

Comungando com Da Matta (1993), entendemos a saudade como uma construção cultural que se dá na coletividade e que aprendemos a sentir a ponto de vermos sempre o futuro com desconfiança, buscando voltar ao passado rememorando-o, discutindo o lugar do passado e do futuro, e esquecendo o lugar ocupado pelo presente.

Logo, identificamos que o lugar e o espaço que Luiz Assunção buscava ocupar era sempre o lugar do seu passado, a lembrança saudosa em suas canções reporta-nos para sua vida boêmia, para sua mocidade por ele tão desejada, para os amores que se foram, assim como para suas cidades imaginárias e todo cotidiano por ele vivenciado e narrado como sombras que o passado deixou.

Saudade e história falam das sombras do tempo que se apoderam das coisas e dos homens, os fazem inexistir, deslocam o foco de luz do presente para buscar, entre brumas do passado, a silhueta, apagada pelo tempo, de um ser nacional que se desviou de seu caminho, que se perdeu nas trevas dos tempos. (ALBUQUERQUE JR. 2006, p.124)

A saudade define-se enquanto uma categoria sociológica de análise que tem se tornado um tema de interesse da historiografia. “A história teria a mesma capacidade que a saudade de

---

<sup>18</sup> Luiz Assunção, Adeus, oh, mãe querida. Fortaleza, 1949. Partitura. Canção.

<sup>19</sup> Uma cruz e uma saudade. Poema. Luiz Assunção, Fortaleza, 1978.

tornar presente o que é passado, de reviver o mesmo sentimento e a mesma emoção que foram sentidos em outros momentos.” (ALBUQUERQUE JR. 2006, p.124). Porém, antes mesmo de ser pensada enquanto categoria, a saudade é poetizada e cantada pela sociedade.

Como nos coloca Albuquerque (2006), tanto a história quanto a saudade seriam uma busca constante no tempo, seriam um viajar para fora de nós, um diálogo com o passado procurando sentidos para o presente. No tocante às cidades, elas possuem espaços nas lembranças em que nós também buscamos no passado leituras para o nosso presente.

Sabemos que a sociedade possui diversas formas de representar-se, as sensibilidades, o imaginário e os sentidos construídos pelos sujeitos fazem parte delas. Da mesma forma encontram-se as cidades – construídas através do seu imaginário, cidades que não possuem paredes nem portas, e sim sentimentos, sensações e sentidos – de Luiz Assunção, que aqui foram identificadas por nós como cidades sensíveis, apresentadas a partir de canções, melodias e poesias. Cidades que assim como a saudade são constituídas a partir da lembrança e da intencionalidade do compositor.

Portanto, nesse emaranhado de sentimentos, sensações, significações e ressignificações, compreendemos que as sensibilidades permearam a relação estabelecida entre o compositor, sua(s) cidade(s) e suas canções, criando assim um laço imaginário que se constituiu no eu do artista.

Nesse entrecruzar de sentimentos, as composições iam surgindo das mais variadas facetas; em sua maioria repletas de melancolia e de tristeza, através do piano, o compositor criava seus versos, poemas e canções apresentando as múltiplas nuances existentes entre o erudito e o popular. Em alguns momentos seus sentimentos estavam temperados de grande remorso, em outros de culpa e de solidão, nos quais “num terreno repleto de paixões tristes, que turvam a capacidade de agir e pensar, a dor emerge plena por tudo que não foi dito, feito ou desfrutado, a lembrança do abandono, do fracasso, são feridas, uma dor transfigurada afirma o amor, capturado com arte.” (MATOS, 2006, p.423). A música assumia então, o papel de denunciadora desses sentimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, entendemos que as sensações, as emoções, os sentimentos que sempre foram narrados pelo compositor permitem-nos analisá-lo enquanto indivíduo a partir de suas sensibilidades, de sua trajetória pessoal. Dito isso, cabe ainda ressaltar a importância da

compreensão do indivíduo a partir do seu “eu”, que o insere no contexto do coletivo e dos espaços sociais criados, incorporados e inventados.

Logo, partindo desse pressuposto, a História Cultural tem nos possibilitado trabalhar direcionando nossas reflexões para o campo da cultura onde o indivíduo é compreendido como sujeito-objeto construtor de si, agente importante no entendimento da sociedade da qual faz parte. Outrossim, o indivíduo surge como objeto pertinente, possibilita-nos problematizá-lo a partir de sua trajetória de vida, mostrando sua relevância na compreensão de suas representações, seu imaginário e suas sensibilidades.

No tocante ao que definimos como, o entrelaçar entre o erudito e o popular, buscamos compreender como o compositor perpassava por ambas as artes – erudita e popular – criando entre ambas uma relação que ia às entrelinhas de seu fazer musical. Em seu emaranhado de sentimentos, o compositor narrava ao piano o cotidiano popular, seus sambas, valsas, boleros, dentre outros estilos, mostrando que, ao misturar-se erudito e popular, enriquecia-se a cultura popular cearense, marcando seu espaço dentro da sociedade.

Com maestria Luiz Assunção compôs, e através de suas composições podemos compreendê-lo enquanto indivíduo. Através de nossas análises, chegamos à conclusão que Luiz Assunção foi um homem orgulhoso de sua arte, um exímio pianista que usava de seu conhecimento musical para poetizar os sentimentos populares repletos de paixões, saudade, dores e desilusões.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. IN: ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes, (orgs.). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

BIANCO, Bela-Feldman. „Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. **In: Revista Brasileira de Estudos Populares**. Campinas, 1992.

DA MATTA, Roberto. **Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncoras de emoções: Poética e música em Dolores Duran. IN: ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes, (orgs.). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

PARANHOS, Adalberto. **A música popular e a dança dos sentidos**: distintas faces do mesmo. In: ArtCultura. Revista do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Nº 9, EDUFU, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História Cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.